

COMUNICAÇÃO



Esta seção trata da cobertura dos veículos da imprensa tradicional brasileira sobre a reforma da Previdência e outras prometidas pelo atual governo e dos principais temas destacados sobre o Brasil na imprensa internacional. Mostra também a Previdência como um dos temas mais presentes nas redes sociais em fevereiro.

A Previdência na imprensa tradicional brasileira

Os veículos que formam a chamada imprensa tradicional mantêm um posicionamento comum na cobertura da política nacional. Todos são a favor da reforma da Previdência e de outras que possam diminuir os direitos do trabalhadores e aumentar o poder da elite financeira.

A lógica é a bem parecida com a da classe média tradicional: “se estiver bom para os donos do dinheiro, mais dinheiro chegará para todos”. Surpreendentemente, algumas reportagens da *Folha*, do *Estadão* e do *Valor Econômico* mostraram que existem alguns questionamentos com relação às brechas que o texto da reforma cria, como por exemplo, para revogar a PEC da Bengala, permitindo que Jair Bolsonaro indique quatro ministros para o STF durante o seu mandato, em vez de apenas dois, como vai acontecer se nada mudar.

A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) apresentada pelo governo ao Congresso também pretende que seja possível fazer futuras alterações na Previdência sem a necessidade de apresentação de

emenda constitucional, o que demanda aprovação de dois terços do deputados. Com a mudança, passaria a ser possível fazer alterações através de leis complementares que necessitam de maioria simples para serem aprovadas. Em editorial, o *Estadão* chegou a mencionar que o texto da PEC teria o jabuti do Paulo Guedes.

Ainda sobre a reforma, a cobertura da imprensa tradicional deixa evidente como a democracia brasileira é diminuída pela forma como os jornais trabalham. Políticos da oposição ao governo têm dito que a proposta de reforma da Previdência fragiliza os direitos do trabalhador, mas a imprensa tradicional não permite que essas vozes tenham espaço para circular nas suas audiências. É importante lembrar que no período em que o Partido dos Trabalhadores estava no governo, cada medida tomada era repercutida junto aos líderes da oposição. Aécio Neves e outros eram quase que “comentaristas oficiais” dos atos do governo.

Toda a condescendência dos veículos de comuni-

cação com a política econômica do governo não se repete com relação à figura de Jair Bolsonaro e do partido dele, o PSL. Nem os jornais nem a TV Globo têm procurado blindar o presidente e sua agremiação das suspeitas que surgiram. É evidente que não foram levantadas teses de que o PSL seja uma grande quadrilha e muito menos que a família Bolsonaro tenha ligação direta com milícias cariocas.

Ou seja, a imprensa tradicional não exerce toda a pressão de que é capaz, não está tentando desestabilizar o governo. Somente a imagem de Bolsonaro é colocada em xeque. Tal como ocorreu com relação ao caso da demissão de Gustavo Bebianno. Bolsonaro é retratado como alguém que não sabe fazer muito bem o que está fazendo, enquanto que os militares do governo aparecem como pessoas mais sensatas. Pelo visto, a confiança da grande mídia está nos militares e na ideia de que Bolsonaro seria tutelado por eles.

Se a política tem tido momentos de fervor, o mesmo não se pode dizer da cobertura sobre as questões sociais. Basta ver o que causa preocupação na imprensa estrangeira e como estes temas são negligenciados pela mídia brasileira. A questão indígena é pouco noticiada. A *Folha* chegou a relatar sobre o caso de um líder indígena na Bahia que pediu proteção em função de ameaças que vinha recebendo. O jornal também vem noticiando que o governo está ameaçando rever demarcações de territórios indígenas. Mas não há relatos sobre o quanto a violência tem aumentado e, muito menos, um acompanhamento sério da questão. O mesmo pode se dizer sobre a violência e suas vítimas.

O Brasil na imprensa estrangeira

Os grandes jornais do mundo têm uma ampla abrangência e, por isso, as notícias sobre um determinado país dependem muito da relevância de cada nação no contexto momentâneo. Dependem também da geopolítica, é claro. Grandes potências econômicas e militares têm uma cobertura muito mais extensa e aprofundada do que países considerados emergentes ou de “terceiro mundo”.

As relações econômicas e políticas dos países que são sede dos veículos de comunicação também

afetam a estratégia de cobertura jornalística do cenário internacional. Os veículos europeus, por exemplo, apresentam diariamente reportagens sobre países africanos e do Oriente Médio. A Ásia também é alvo, mas em menor quantidade. Nos EUA, a cobertura sobre o Oriente Médio também é mais intensa e o contexto dos países asiáticos parece ter mais importância para os jornais do que os da África. Por outro lado, a América Latina é uma pauta mais constante nos jornais estadunidenses se comparado ao que publicam os europeus.

Na América do Sul, a cobertura internacional feita pelos veículos locais, mesmo os de grande porte, é bem superficial e, na maioria, são informações contratadas de agências de notícias. A complexidade das relações econômicas e políticas entre as grandes potências, os países emergentes e aqueles que são mais pobres, definitivamente, não passa pelas reportagens publicadas ou exibidas na América do Sul. Um dos veículos sul-americanos com mais abrangência e variedade de informação sobre o cenário internacional é a multi-estatal Telesur. Em termos de estrutura, a TV Globo é uma das maiores do mundo, mas faz uma cobertura extremamente superficial.

Esse raio-x mais estrutural dos interesses que influenciam a circulação de informação sobre o cenário internacional quer refletir sobre a cobertura que é feita sobre o Brasil. Nos anos em que a agitação política foi intensa, grandes veículos acompanhavam diariamente os acontecimentos da política brasileira. A crise econômica fez com que o país perdesse importância no cenário internacional, o que foi agravado pela longa estagnação da economia que dura até hoje. Dessa forma, a cobertura sobre o Brasil passou a ser sobre o que pode ser feito para que o país saia da morosidade. O contexto político também perdeu importância para os jornais estrangeiros porque a agitação social diminuiu. O processo eleitoral e a perseguição ao ex-presidente Lula foram alvo de diversas reportagens. A ascensão da extrema-direita assustou jornalistas e veículos de comunicação ao redor do mundo. O discurso de Jair Bolsonaro, repleto de ódio e preconceito, gerou críticas dos jornais estrangeiros, mas elas não chegaram até aqui. A imprensa tradicional brasileira não repercutiu nada disso e a forma como o resto do mundo enxerga Jair Bolsonaro não tem feito diferença.

A perseguição ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi motivo de dezenas de reportagens fora do país, mas elas não denunciam que exista um processo político por trás da sua prisão. O que os jornais estrangeiros fazem tem um pouco mais de senso crítico. Ou seja, eles deixam claro que as provas contra Lula são poucas e que o processo judicial é duramente questionado pelo ex-presidente e por uma grande parcela da sociedade brasileira. Mas esses veículos de jornalismo não questionam a instituição Justiça porque, para eles, não faz sentido pensar que o poder judiciário não seja isento.

Em fevereiro, a revista *The Economist* publicou reportagem sobre Sergio Moro ter se tornado ministro da Justiça e o projeto “anticrime” que ele apresentou. A reportagem analisa que Moro se colocou em uma posição perigosa ao assumir o cargo porque ele vinha sendo acusado de dirigir uma operação parcial quando decidiu assumir um cargo no governo Bolsonaro.

Sobre o projeto “anticrime”, a reportagem diz que ele atende ao discurso de campanha de Bolsonaro, mas é duramente criticado por ser considerado uma autorização para que as polícias brasileiras sejam ainda mais violentas.

A violência da polícia do Brasil também foi assunto no *Le Monde*, que falou da última chacina no Rio de Janeiro, e no *The Guardian*, que noticiou os protestos após o segurança de um supermercado ter assassinado um jovem dentro do estabelecimento.

O texto informa que três quartos das vítimas de homicídio no país são pessoas negras e que está nascendo no Brasil um movimento semelhante ao “Black Lives Matter” (vidas negras importam). A rede *Al Jazeera*, do Qatar, publicou em seu site reportagem sobre o aumento da violência contra povos indígenas desde a chegada de Jair Bolsonaro ao poder. Angela Amanakwa Kaxuyana, representante de comunidades indígenas, afirmou que “por 519 anos os povos indígenas sentiram a violência”, e completou, “a diferença é que agora esses ataques são institucionalizados”.

A situação do ex-presidente Lula também foi noticiada em função da sua segunda condenação. Reportagens menos aprofundadas foram publicadas

em jornais de diferentes países. Todas informam que Lula, seus advogados e movimentos de esquerda defendem a inocência do ex-presidente e que ele é vítima de uma injustiça.

Sobre o governo de Jair Bolsonaro não foram publicadas tantas notícias. Agora, o Brasil está no alvo dos jornais estrangeiros em função da situação da Venezuela, mas as suspeitas contra o filho de Bolsonaro e as confusões dentro do PSL têm gerado algumas notícias. O *New York Times* relatou que a confiança do mercado no governo tem sofrido alguns abalos. Inclusive, com relação à capacidade de aprovar a reforma da Previdência.

A reforma da Previdência nas redes sociais

A Previdência foi um dos temas mais debatidos nos últimos dias nas redes sociais online. O pico de menções ao tema no Twitter, por exemplo, ocorre no dia 20 de fevereiro, com um aumento de mais de 90% no volume de menções ao termo “Previdência”.

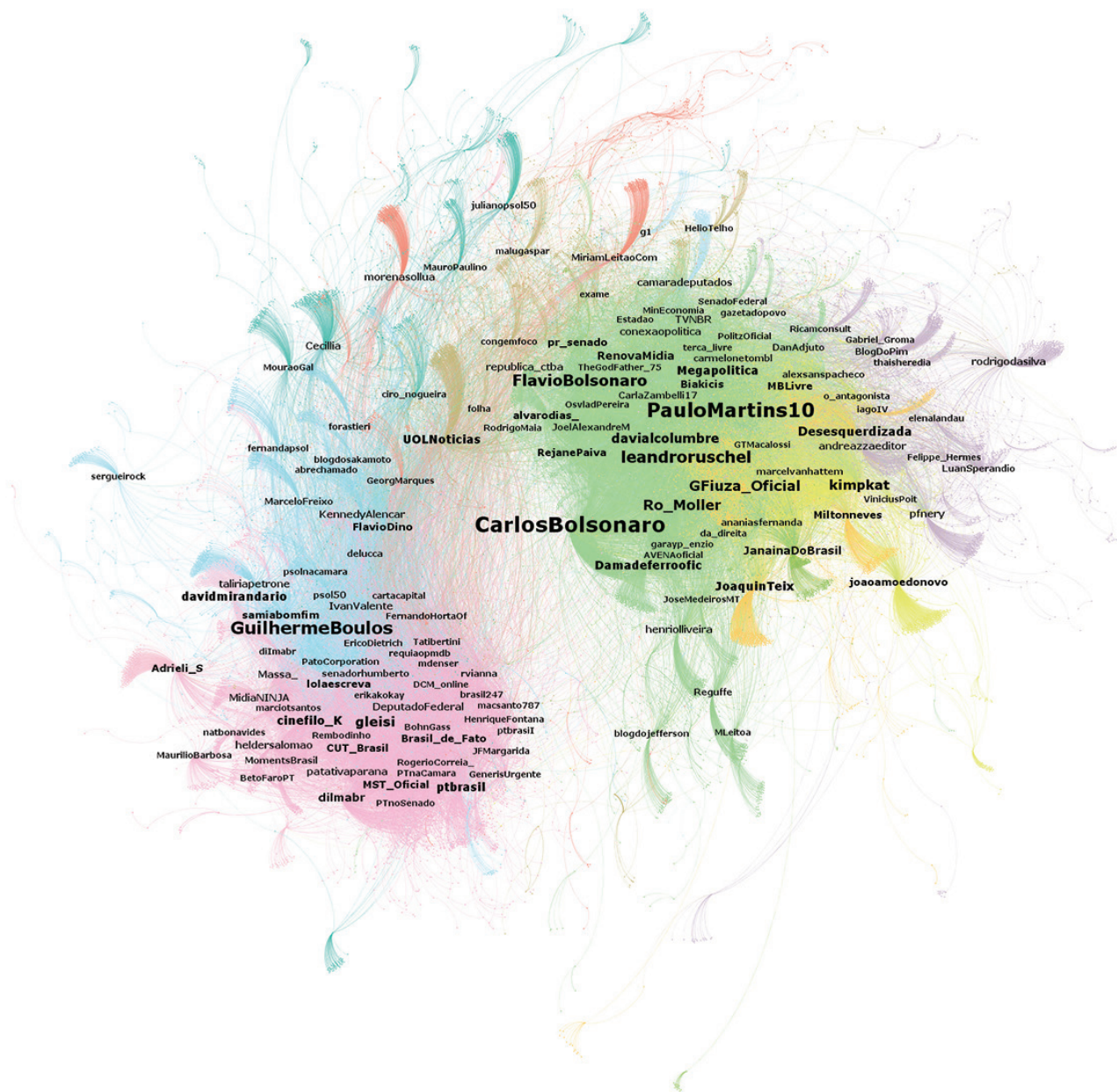
Notícias sobre o tema, por exemplo, tiveram um engajamento extremamente significativo. Entre as principais destacam-se “Trabalhador levará 40 anos para chegar a 100% do benefício na nova Previdência”, com mais de 312 mil compartilhamentos. E “Com nova Previdência, idosos de baixa renda vão receber menos que um salário mínimo” com mais de 179 mil compartilhamentos.

Outras notícias também tiveram grande volume de interações, mas fato é que a maior parte delas destaca dois pontos perversos da reforma nas redes sociais: os quarenta anos de contribuição para que o trabalhador consiga se aposentar e uma espécie de ataque maciço contra os mais idosos. Um dos resultados da indignação veio em formato de vídeo, e posteriormente repercutido pela Rede Brasil Atual, no qual um pedreiro desafia o deputado federal Rodrigo Maia (DEM-RJ): ‘Trabalhe 30 dias numa obra, que trabalho até os 80’. Apenas a matéria teve mais de 315 mil compartilhamentos em menos de um dia.

Já no Facebook, o cenário se apresenta um pouco mais favorável aos apoiadores de Jair Bolsonaro. No entanto, o vídeo mais compartilhado no período é do deputado Cleitinho Azevedo de Minas Gerais.

Ele ataca Rodrigo Maia e o acusa de “não saber o que é trabalho”. Na sequência, Jair Bolsonaro tem dois entre os mais engajados vídeos no Youtube em defesa da reforma. Destacam-se ainda Jandira

Feghali, MBL, Luís Miranda USA, Esquerda Diário, João Amoêdo, Paulo Eduardo Oficial, Glauber Braga e páginas de imprensa.



Acima observamos o grafo com as ocorrências capturadas durante o dia 20 de fevereiro, quando do anúncio da nova reforma da Previdência. Ele é composto por 43,9% de usuários com tendência progressista ou de elementos ligados à imprensa, mas alinhados aos agrupamentos progressistas. Já os defensores da reforma – ou a “nova previdência” – representam 52,7% do grafo. Alguns argumentos fortes na tentativa de cravar o fim das regalias:

“aproposta de reforma da Previdência enviada pelo governo acaba com a aposentadoria especial de deputados e senadores. Todos se aposentarão pelo regime geral da Previdência Social. Como sempre defendi”, colocou Paulo Martins.

Outro com forte engajamento dá a entender que os ataques aos Bolsonaro são para tirar o foco do que realmente importa: “claro que é mais urgente fazer a psicanálise da família Bolsonaro do que a reforma da

Previdência. Foi nomeada uma equipe de ponta p/ desatolar o país, mas o importante é manter o fetiche da crise nas manchetes, jogar mais uma chance de ouro no lixo e fazer disso aqui um grande BBB”.

Aqui é essencial destacar: o discurso do governo e em defesa do que vem sendo referenciado como “nova previdência” parte do pressuposto de que a reforma “vai cortar privilégios”. Assim, enquanto a linha argumentativa soa favorável aos deputados

em defesa da reforma – que estariam abrindo mão de privilégios – soa extremamente perigosa para deputados e deputadas progressistas que venham a lutar contra a “nova previdência”, uma vez que estariam estes lutando em favor de seus próprios benefícios. Portanto é essencial que voz seja dada para todos aqueles e aquelas que serão atingidos de forma perversa pela reforma da Previdência do governo Jair Bolsonaro.